**A RELAÇÃO DAS CRIANÇAS COM A LINGUAGEM: UMA ANÁLISE A PARTIR DA OBRA INFANTIL “CASA DAS ESTRELAS, O UNIVERSO CONTADO PELAS CRIANÇAS”**

Maria Eliza Nunes de Oliveira

Professora da Educação Básica. Graduada em Pedagogia pela Universidade do Estado do Rio Grande do Norte, E-mail: [elizanunesoliveira@gmail.com](mailto:elizanunesoliveira@gmail.com)

Lívia Sonalle do Nascimento Silva

Professora do Departamento de Educação, CAMEAM/UERN

E-mail: [liviasonallens@gmail.com](mailto:liviasonallens@gmail.com)

RESUMO: Este artigo objetivou refletir sobre a relação das crianças com a linguagem, suas perspectivas, entendimentos e o modo como seus conhecimentos são compreendidos e utilizados no cotidiano de uma sala de aula dos anos iniciais do ensino fundamental I. Para tanto, foi realizada uma pesquisa bibliográfica onde diversos estudiosos trouxeram pertinentes contribuições a respeito dessa temática e ainda uma pesquisa de campo com entrevistas filmadas e posteriormente transcritas, em que buscamos investigar como a escola compreende o processo de construção da linguagem infantil. A partir dessa análise foi possível, constatar a sublime riqueza de conhecimento existente no intelecto infantil, e como seu aprendizado está diretamente ligado as condições de vida a qual estão expostas. Desse modo,concluímos que cabe a escola buscar meios de se inteirar desse dia a dia e utilizar desses conhecimentos em favor da construção do conhecimento das crianças.

**Palavras-chave:** Linguagem. Análise, Obra Infantil.

**INTRODUÇÃO**

O vocábulo linguagem deriva do latim língua, que significa fala, dialeto, expressão e começou a ser usada na língua portuguesa através do termo *lenguatge.* Estudiosos da história afirmam que os povos antigos de Roma cobravam impostos aos habitantes que faziam uso exagerado da fala, essas taxas eram chamadas de *linguarium.* Assim podemos observar que desde os tempos mais antigos a língua se fez fator primordial para desenvolvimento e evolução dos povos do mundo.

De fato, é complexo imaginar como seriam as relações humanas sem a linguagem, visto que esta conduz à lógica, memória, o pensamento e todo o modo como compreendemos o mundo e suas particularidades. Saussure (1966, p.112) ressalta a importância da linguagem acima do pensamento, como explicita a seguir: “Sem a linguagem, o pensamento seria uma névoa vaga e inexplorada. Não haveria ideias preexistentes e nada poderia ser distinguido antes do surgimento da linguagem.”

Deveras, hoje sabemos que a linguagem é uma atividade inata, instintiva e espontânea, que responde a estímulos do meio, de modo que é atribuída à linguagem aprecedência da interação da criança, visto que é a partir dessa condição de ser falante, que ela desenvolve um novo jeito de apreender a vida.

Para levantamento de dados da pesquisa de campo utilizamos como instrumento a entrevista semiestruturada de forma a se tornar mais flexível e eficiente. Os entrevistados foram cinco crianças com faixa etária entre 6 e 8 anos. Para a escolha dos cinco sujeitos foi considerado como critério o fato de que essas crianças em particular, não têm ainda total domínio da leitura e da linguagem escrita, destarte inferimos que mesmo sem o domínio da decodificação é possível a elas fazerem considerações conscientes de pensamento e linguagem.

Para refletir sobre a relação das crianças com a linguagem trazemos a obra de Naranjo(2013) e ainda as discussões dos teóricos Cagliari ( 2009), Freire (2016), Fontana e Cruz (1997), Vigotski (2007), e Piaget (1999), que contribuem respectivamente para compreendermos o desenvolvimento e apropriação da linguagem pelas crianças.

**O PONTO DE PARTIDA - CASA DAS ESTRELAS, O UNIVERSO CONTADO PELAS CRIANÇAS**

Partindo da premissa de que as crianças possuem capacidade acentuada de representação verbal e de pensamento, tomamos como embasamento para discussão inicial os subsídios presentes na obra literária “Casa das estrelas, o universo contado pelas crianças”. Tendo sido lançado pela primeira vez em 1999, o livro singelo não despertou interesse. Em 2013, quatorze anos depois, ganhou uma nova edição com ilustrações de Laura Sabatiere. Foi a obra mais vendida e comentada na Feira Internacional do Livro em Bogotá naquele ano. Segundo o organizador, essa mudança de óptica para o seu livro, se deve às modificações no cenário mundial. Nessa nova configuração saturada de mentiras e corrupções, sobretudo no contexto político, o olhar límpido infantil pode nos estar revelando algo que estavámos limitados para ver.

O organizador da obra, é um professor de educação primária, o colombiano Javier Naranjo que ganhou grande destaque com suas pesquisas na área de linguagem infantil. As crianças que tem suas falas reproduzidas no livro, foram os alunos que passaram pela sala de aula multisseriada de Naranjo por mais de 10 anos. As aulas que eram basicamente de espanhol, mas não cumpriam um currículo rigoroso, ganharam então, uma nova diretriz e foram ampliadas para criação literária, o que culminou com a organização do livro.

O livro tem forma de dicionário e apresenta uma sequência alfabética de verbetes com definições inspiradoras e reflexivas de crianças com faixa etária entre 3 e 12 anos, oriundas da escola filantrópica *El Triángulo* localizada na zona rural de *Llanogrande*, Colombia. As definições provocam profunda consternação, admiração ou riso solto como respectivamente Carolina Alvaréz 7 anos, que define criança como ‘’ brinquedo de homens’’ (p.39), Blanca Yuli Henao 10 anos, que exemplifica: ‘’ eternidade é quando numa casa todos os filhos se casam, que não põem música, nem tem barulho. Essa casa parece uma eternidade’’ (p.55), ou o entendimento de Oscar Alarcón, 11 anos ao dizer que mulher ‘’ é um humano que não se pode consertar’’. A partir da leitura dessas falas podemos observar como é rica as especificidades da linguagem das crianças.

Em 1988 Javier Naranjo coletava despretensiosamente, as primeiras definições das palavras dos seus alunos. Nesse período a Colômbia vivia o ápice das mazelas dos cartéis de drogas, que se consolidavam e infiltravam-se até mesmo nas instituições do Estado, fazendo todo país mergulhar em uma atmosfera de medo e incerteza.

As regiões empobrecidas, sofriam ainda com conflitos crescentes entre as forças armadas e os cartéis que disputavam o controle do tráfico de drogas na região. Nesse contexto, boa parte das crianças colombianas desenvolviam-se física e intelectualmente num panorama de abandono, orfandade, abusos físicos, psicológicos, sexuais e sobretudo de medo. Reconhecemos isso na fala de Andrés Ramírez 6 anos: ‘’ medo é quando chega alguém na minha casa e eu me levanto pra ver quem é’’ (p.74).

As primeiras definições presentes no livro, surgiram no ano de 1988 na escola *ElTriángulo*, Rio Negro, Antióquia. Na ocasião**,** seria comemorado o dia das crianças. Naranjo recorda:

Faltando pouco para terminar a aula, tive a ideia de pedir às crianças que escrevessem em seu caderno o que era uma criança para elas. Luís Gabriel Mesa, de 7 anos escreveu: “Uma criança é um amigo que tem o cabelo curtinho, joga bola, pode brincar e ir ao circo”. Surpreendeu-me a síntese que ele fez, a beleza das palavras quando se casam dessa maneira, a construção tão sábia e simples- (NARANJO, 2013, p.11).

Causou-lhe admiração, sobretudo, o modo como eles contemplavam a si mesmos, como se abandonavam à escrita com sinceridade e sabedoria. Assim, continuou o exercício, ofertando mais palavras para que eles as conceituassem espontaneamente. Sem exigência ou regra, as aulas de criação literária, ganharam fôlego:

Mas, o que é criação literária? Como eram essas aulas? Custa-me dar forma a algo que dificilmente a tenha, já que as aulas não obedeciam a um sistema rígido. As aulas, assemelhando-se a seres vivos, moviam-se um pouco à sua vontade buscando a nossa para poder acontecer. Não havia qualificações, não havia mediadores e enquanto os adolescentes nos olhavam das janelas fechadas em seus cursos de física ou química, nós, sentados na grama,brincavámos (NARANJO, 2013, p.12).

Os preciosos cadernos com as definições das crianças eram levados por ele e passavam por minuciosas análises:

E eu levava os cadernos para casa como quem leva um tesouro, e assim os esmiuçava.No meio de muitas palavras sem força expressiva, palavras empobrecidas pelo uso, reluziam joias com todo poder de origem, palavras carregadas de força primordial, ingênuas palavras costuradas docilmente ao que era nomeado. Poesia pura~~-~~ (NARANJO, 2013,p.13).

Em 1994, parte do apanhado de ideias foi encaminhado por Naranjo para o Ministério da Cultura da Colômbia, o que rendeu a oferta de uma bolsa para a extensão e desenvolvimento do trabalho.

Para a publicação em 1999, foi realizada uma seleção, na qual, segundo Naranjo (2013, p. 15), apenas foram reparados os erros ortográficos e de pontuação: “respeitei a voz das crianças, suas hesitações, deslocamentos, sua secreta arquitetura. [...]Respeitei sua vontade de esquecimento ou profunda memória”

O título do livro surgiu do pensamento de Carlos Goméz de 12 anos, no momento em que estava a ser comemorado o dia da terra. Nesse dia realizou-se uma pequena celebração na escola, a inauguração de um relógio de sol. Ao meio dia um bando de pombas levantou voo ao som dos sinos da igreja. Durante a execução desse “ato solene” as crianças e adolescentes começaram a ler suas frases. No exato momento da revoada das pombas e do repique dos sinos, ficaram sabendo por Carlos Goméz, que “o universo é a casa das estrelas”.

**SEGUINDO A TRILHA- O DESENVOLVIMENTO COGNITIVO DA LINGUAGEM E VALORIZAÇÃO DAS POTENCIALIDADES DAS CRIANÇAS**

A aparição da linguagem está diretamente ligada aos aspectos cognitivos. Os fundamentos da teoria Piagetiana sugerem que o desenvolvimento da língua está subordinado ao desenvolvimento da razão e do raciocínio, sendo considerado uma forma de representação da referida inteligência.

Vigotski (2007), considera a palavra o componente mais significativo do pensamento e da cultura humana, pois a concepção de palavra (como símbolo) nos remete imediatamente ao processo mediativo. Significa dizer que para as crianças, a palavra é o primeiro meio de interação social. Dessa forma, o desenvolvimento cognitivo da linguagem será o que primeiro irá identificar sua condição de ser pensante.

No entanto, ainda podemos constatar que o modelo social contemporâneo, por vezes, não reconhece ou valoriza a história pessoal da criança, o modo como ela pensa e consequentemente como escreve. Freire (2016), esclarece a necessidade de valorização dos saberes dos educandos aproveitando do cotidiano destes para poder apresentar o conteúdo de uma forma mais contextualizada de maneira que seja possível compreender e até modificar a própria realidade:

Por que não aproveitar a experiência que tem os alunos de viver em áreas da cidade descuidadas pelo poder público para discutir, por exemplo, a poluição dos riachos e dos córregos e os baixos níveis de bem estar das populações, os lixões e os riscos que oferecem à saúde das gentes? (FREIRE, 2016, p.31).

Nesse sentido, uma prática educativa que não se utiliza dos conhecimentos prévios dos alunos tais como sotaques e expressões - em especial os das classes populares - está condicionada à superficialidade das técnicas de ensino obsoletas distantes da realidade, que desfavorecem o crescimento do homem enquanto sujeito social.

A valorização do conhecimento infantil também é defendido por Naranjo (2013) quando diz:

Sei que muitas pessoas e muitos escritores menosprezam o que as crianças escrevem porque, a seu juízo, não há rigor, nem disciplina, nem um conhecimento da língua medianamente operativo. Os motivos que eles combatem são justamente os que me fazem desfrutar dessas criações infantis e encontrar nelas um alto valor estético. É por seu abandono com as palavras, por sua liberdade de associação, por sua indiferença ao uso justo e normativo da linguagem que as crianças ocasionalmente criam textos plenos de beleza~~-~~(NARANJO, 2013, p.15).

O autor faz uma crítica aos educadores que desconsideram a fala das crianças mediante seus erros ortográficos e/ou de concordância demonstrando assim uma visão limitada que não os permite identificar as potencialidades dos educandos.

Esse comportamento dos docentes acaba desencadeando consequências negativas no processo de aprendizagem e formação humana das crianças, considerando que a desvalorização dos seus saberes influência diretamente na maneira como ele apreende os conteúdos presentes no currículo escolar e, pode fazer com que ele deixe de refletir e agir sobre sua realidade.

**A LINGUAGEM INFANTIL NA ESCOLA: UMA ANÁLISE SOB O OLHAR DOS SUJEITOS DA PESQUISA**

Partindo das perspectivas discutidas no decorrer dessa investigação sobre a relação das crianças com a linguagem, respaldados pela obra casa das estrelas, o universo contado pelas crianças, apresentamos a seguir a análise qualitativa realizada a partir dos dados coletados em uma sala de aula do Ensino Fundamental I.

Essa análise está respaldada em teorias sólidas e pertinentes, e investigando assim, como é considerada a linguagem infantil na escola, compreendendo como esta considera a linguagem usada pelas crianças e finalmente refletindo acerca das relações linguísticas no cotidiano das crianças.

Para contextualizar a análise, trazemos a seguir as respostas dadas por elas na entrevista. Através da análise dos dados sobre os primeiros contatos das crianças com a escola, inferimos que a maioria dos sujeitos entrevistados apresentam algum tipo de limitação relacionada ao ambiente escolar, onde a criança, passa a descobrir e desvendar o mundo a sua volta.

Por intermédio dos dados coletados, analisamos inicialmente a realidade linguística dos sujeitos no contexto escolar. A realidade encontrada pelos sujeitos no primeiro contato com a instituição, o processo de acolhimento e adaptação. Nesse contexto a criança 1 relatou que:

*Eu gosto. Porque a gente faz atividade. Ainda não sei ler tudo não, porque tem umas palavras ‘’ ruim’’ demais. E quando eu cheguei aqui eu pensei que era diferente assim, as mulheres tavam varrendo, os homens pintando e lavando. Aí eu pensei que ia ser diferente porque tinha as velhinhas também de vestido. Porque eu estudava lá em São Paulo e nunca tinha visto aí eu vim pra cá. Tinha assim.... era dificil também porque eu falava diferente as palavras, mas agora eu já falo igual.*

Os primeiros anos de escolarização são cercados de grande expectativa pelas crianças. As considerações feitas pelos adultos a esse respeito, geram expectativas que podem ou não ser correspondidas, dependendo do modo como a instituição escolar conduz esse processo de acolhimento. Esse pensamento, é amparado pela perspectiva de Cagliari (2009, p.17) ‘’ A criança que entra na escola pode certamente levar um choque, por mais que os adultos digam que a escola é isto ou aquilo’’.

De acordo com as respostas obtidas na coleta de dados observamos queacriança é oriunda de uma escola do Estado de São Paulo e enfrentou problemas de adaptação de naturezas diversas na nova escola, embora hoje considere-se adaptada ao contexto escolar.

Em linhas gerais, de acordo com o que analisamos, não destacamos positividade no que se refere ao entendimento entre escola e aluno. Inferimos portanto que esse fator pode ser resultado, como destaca Fontana e Cruz (1997, p.76), da falha na comunicação que existe entre os adultos que ensinam e as crianças.

No que se refere a questões relacionadas a comunicação entre escola e aluno a criança 2 enfatiza:

*Sim. As vezes a gente fica tudo no círculo assim conversando aí tia dá um livro pra gente aí a gente escreve e lê.*

Observamos que as rodas de leitura e suas variadas formas de mediação são indispensáveis para construir na sala de aula não apenas o contato com os livros e a decodificação dos signos, mas também, e de forma especial, um canal de aproximação do professor com as crianças e sua realidade linguística, modificando assim o ritmo das aulas de currículo inflexível e enfadonho. Cagliari (1997) define a leitura em outras palavras como uma herança maior do que qualquer diploma.

O momento da leitura em particular, é ideal para a observação, onde o professor senta-se no círculo para também ouvir, deixando de olhar a criança de cima, trazendo a perspectiva do acolhimento e descontração que nos aproxima da fala de Naranjo (2013) ao considerar a necessidade de ser tornar divertido aprender, pois nada que lembre uma obrigação pode ser considerado prazeroso.

Diante desse panorama, o professor assíduo a essa prática, cria mais possibilidades depercepção acerca dos conhecimentos linguísticos dos seus alunos, desmitificando assim o professor como ser superior incapaz de se desprender de sua realidade e compreender o papel formador comprometido com a construção do conhecimento com seus alunos.Todo esse processo tão simples de proximidade e acolhimento culmina com resultados extremamente positivos na construção do aprendizado infantil.

**O QUE PENSAM AS CRIANÇAS – CONSIDERAÇÕES A RESPEITO DA LINGUAGEM NO COTIDIANO E SUA RELAÇÃO COM A MESMA.**

Nesse ponto da análise, nos detemos à busca pelo entendimento e conhecimento das crianças que foram sujeitos da nossa pesquisa. Desse modo, buscamos refletir acerca da linguagem no cotidiano destas e sua relação com a mesma. Respaldados pela obra substancial de Naranjo (2013), propomos que as crianças falassem abertamente sobre palavras e temáticas recorrentes do nosso cotidiano. Objetos, sentimentos, acontecimentos e expectativas estão inseridas na proposta de reflexões para as crianças.Para Fontana e Cruz (1997, p. 76) “não temos o hábito de nos interrogar acerca dos modos pelas quais as crianças se relacionam com as palavras. Como ela se apropria dessas e elabora seus significados’’. Buscamos a partir desse pensamento adentrar nessa relação e refletir como se dá esse processo.

Ao analisar a entrevista, nos encontramos portanto,com definições que causam surpresa.As interpretações delas vão do engraçado ao reflexivo em muitos momentos, e várias vezes nos faz pensar qual é de fato a realidade da criança para entender determinada palavra daquela maneira.

Concebemos o vocábulo **guerra** como sendo qualquer combate munido ou não de armas que deseja confrontos e gera conflitos. A criança 3 no entanto, ao se deparar com esse verbete, pondera que não é uma palavra usual no seu cotidiano, mas considera que seja ‘’ uma coisa muito ruim’’:

*Bem, eu não costumo ouvir muito guerra não, mas eu sei que guerra é uma coisa muito ruim, terrível onde as pessoas constroem lanças, bombas, tiros e isso é muito ruim. Eu acho porque existe, porque eu acho que existia uns antigos reis, num antigo tempo que tinha reis, então eu não sei não, algum rei ficou furioso e provocou uma guerra. As guerras começam com pessoas más, ruins, com ódio, muito ódio mesmo contra as pessoas do bem.*

A sua definição permanece ligada às histórias de ódio de reis e rainhas do passado e seus confrontos épicos.

Diante das discussões realizadas até aqui podemos afirmar que o entendimento das crianças diverge da compreensão dos adultos. Segundo a discussão de Piaget (1999), não há deficiências do raciocínio infantil quando comparado com o dos adultos, pois os adultos constroem o seu conhecimento ao longo do tempo e as crianças ainda não tem em seu histórico de vida informações suficientes para tanto. O que não significa que não possuam potencial para tal realização.

Os adultos compreendem a forma definitiva da morte, enquanto que a criança é envolvida na atmosfera de incerteza e geralmente não tem a devida explicação sobre o fato o que acaba por causar confusão no seu intelecto. Esta concepção varia com a idade da criança, uma vez que a representação de certos conceitos será alterada a cada estágio do desenvolvimento e está relacionada à maturação dos processos cognitivos, ideia defendida por Piaget. Sobre a morte a criança 4 declara:

*Eu acho que é muito feio. Porque as vezes vem um caminhão e bate numa pessoa e puff morre.Porque as vezes vem um caminhão bem em alta velocidade aí vem um velhinho vai passar na pista aí tum, atropela e ele e morre. Eu conheço um homem que morreu assim. conheço. Um homem que era chamado Jojoca. Ele vinha do sítio dele, que ele tinha um sítio que ele apanhava banana, fruta... aí ele vinha pra casa, que a casa dele era lá perto do parque aquático, ele ia num canto bem longe lá no Encanto. Aí quando ele vinha passando lá em frente o cemitério aí o carro bateu nele e a bicicleta virou bola de ferro. E quando morrem eles vão laaaá pro ceu. Pro céu e pro túmulo. Primeiro vão pro túmulo aí passa uns dias e vão pro céu.*

Para essa criança a ideia de morte é sempre relacionada a um acontecimento de seu cotidiano. O atropelamento de uma pessoa de seu convívio parece tê-lo marcado de maneira profunda, pois repete constantemente os pormenores desse fato trágico. O modo como utiliza as palavras para descrever o acidente revela traços da construção linguística apreendida na sua comunidade familiar. Ao ser questionado sobre o que acontece com os mortos, elademonstra uma construção própria amparada no senso comum que absorveu dos adultos a sua volta. Diante dos relatos estamos convictos de que a construção da linguagem nas crianças está totalmente voltada para o seu meio social.

**CONCLUSÃO**

Nosso trabalho teve como objetivo refletir sobre a relação das crianças com a linguagem, suas perspectivas, entendimentos e o modo como seus conhecimentos são compreendidos e utilizados no cotidiano da sala de aula do Ensino Fundamental I.

Partindo da premissa de que as crianças possuem capacidade acentuada de representação linguística, concluímos que a linguagem utilizada por elas depende quase que totalmente dos contextos sociais vivenciados. Desse modo, compreendemos que ainda há um longo caminho a percorrer no que se refere aos modos como a instituição investigada lida com a linguagem de seus alunos, dificultando assim a interação entre criança e escola e consequentemente os processos de aprendizado.

Por meio dessa pesquisa, constatamos que todos os entrevistados, à sua maneira, tem capacidade linguística acentuada, acreditamos ainda que se esse potencial for compreendido e estimulado da maneira correta é possível que seja construído um novo contexto educacional onde o olhar das crianças seja valorizado de forma a contribuir para a sua formação enquanto sujeitos e aprendizes e consequentemente criando um processo de acolhimento entre as partes, situação que hoje consideramos rara.

Desta forma, percebemos o quão se faz necessária a reformulação dos conceitos de valorização da comunicação das crianças, dando-lhes oportunidades auto afirmação e crescimento pessoal, por meio de ações simples, mas que resultam em grandes significados na vida escolar e social infantil.

**REFERENCIAS**

CAGLIARI, L. C. **Alfabetização e Lingüística**. 10. ed. São Paulo: Scipione, 1997.

**\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_.Alfabetização e linguística**. São Paulo: Scipione, 2009.

**\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_.Cadernos de estudos linguísticos.**Leitura e Alfabetização**.** n.3 p. 06-20. 1982.

FREIRE, P. **Pedagogia da Autonomia**, saberes necessários à prática docente/ Paulo Freire- 53ª ed- Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2016.

FONTANA,R. CRUZ, M.N.**Psicologia e trabalho pedagógico**/ Roseli Fontana, Maria Nazaré da Cruz – São Paulo: Atual, 1997.

NARANJO, J.**Casa das estrelas**, o universo contado pelas crianças, tradução: Carla Branco. – 1.ed.- Rio de Janeiro: Foz, 2013.

SAUSSURE, F. ***Course in General Linguistics***. *Translated to English by*

*Wade Baskin. New York: McGraw-Hill, 1966.*

PIAGET, J. **O pensamento e a linguagem na criança.**São Paulo: Martins Fontes.

1999.

VYGOTSKY. L.S. **A formação social da mente**. Martins Fontes. São Paulo. 2007.